

TRADUTOR/INTÉRPRETE DA LIBRAS: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS

Marie Gorett Dantas de Assis e M. Batista – UFPB¹

Tradutor e Intérprete da Libras um profissional que tem atuado numa diversidade de situações conforme a condição de seu vínculo empregatício e compromisso com a comunidade surda. A profissão de Tradutor/Intérprete vem exercendo atração tanto pela condição estética de ser visualizada ou estar exposta à curiosidade, como pelas possibilidades de inserção em um novo mercado de trabalho com inúmeras possibilidades de vínculo. Trataremos aqui da segunda condição. Uma das grandes possibilidades de trabalho para o profissional Tradutor/Intérprete da Libras está no âmbito escolar, visto a política de inclusão vigente no Brasil. Este fato deve-se tanto à Lei de Acessibilidade com a regulamentação da Lei de Libras pelo decreto 5.626/05. Como língua oficial da comunidade surda é através dela que o surdo tem melhor compreensão do conteúdo escolar, no entanto, estão imbricados no processo de tradução e interpretação alguns fatores inerentes à qualificação dos profissionais da Libras, dentre os quais pontuamos: a formação do Tradutor/Intérprete, fator de inquietação, visto a diversidade e complexidade do currículo escolar ao qual está submetido; o conhecimento das formalidades da Língua Portuguesa e da gramática, da semântica e pragmática da Libras, o conhecimento de mundo e o comprometimento ético do profissional da TILS. Este é um estudo de caso da experiência de tradução/interpretação educacional vivenciada por uma Tradutora/Intérprete de nível superior, ocorrida numa instituição pública de educação profissional no Estado da Paraíba durante o período letivo de 90 dias.

Palavras-chave: Tradutor/intérprete. Surdos. Escolaridade.

1 INTRODUÇÃO

Na literatura vigente sobre Tradução e Interpretação da Libras pudemos observar que somente a partir do novo século, o XXI é que a profissão do tradutor/intérprete da língua de sinais, doravante TILS, pôde ser percebida pela população ouvinte como uma possibilidade de escolha profissional.

Conforme sabemos a língua de sinais com o *status* de língua somente foi oficializada no ano de 2002 pelo então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso. Mas, apenas este fato não garantiu acesso imediato ao conhecimento propedêutico para os estudantes surdos. Foram implementadas ações de parcerias e lutas pela comunidade surda e pelos ouvintes, através dos familiares e amigos de surdos de todo o país para que fossem reconhecidos e tivessem seus direitos de cidadãos e de pessoas com deficiência cumpridos. Antes mesmo da Lei de Libras o Estado Nacional passa a garantir direitos à pessoa com deficiência pela Lei de Acessibilidade N° 10.098 de 19 de dezembro de 2000, à pessoa surda garante o direito à inclusão nas escolas regulares com a presença do intérprete de língua de sinais em cada sala

de aula onde houver um aluno surdo incluso. O surdo como todo ser cultural necessita estar inserido e integrado ao trabalho, à escola, à sociedade dos ouvintes. Entretanto, o surdo para estar inserido e incluso na sociedade, gozando dos mesmos direitos e prestígios necessita construir uma competência que o conduza a ser visto pela sociedade ouvinte como um ser produtor e capaz. É, então, o profissional da Libras, o TILS que o conduzirá às multifacetadas áreas do conhecimento.

Este trabalho relata situações que poderão levar o leitor à reflexão sobre as atitudes dos TILS nas escolas e sobre o fazer pedagógico dos professores de salas de inclusão. São experiências vividas por uma tradutora/intérprete de Libras que durante sessenta dias interpretou na sala de aula para dois alunos surdos todas as disciplinas do 1º ano do curso de Edificações e a todas as disciplinas do 2º ano do curso de Eletrotécnica numa instituição de ensino técnico na Paraíba. A TILS, MGDA, é graduada em dois cursos e pós-graduada em duas especializações, portanto, com vasto conhecimento teórico. Somando a sua experiência profissional de 16 anos como Tradutora/Intérprete de Libras está certificação do MEC PROLIBRAS como proficiente em ensino e tradução/interpretação em nível superior.

Acreditamos que é o Tradutor/Intérprete de Libras o responsável direto pela intermediação dos conteúdos didáticos e pela tradução das possíveis dúvidas e questionamentos dos surdos em sala de aula de escolas inclusivas. O papel social do profissional tradutor/ intérprete de Libras perpassa por sua proficiência nesta língua, por seu conhecimento de mundo, experiências, interação com os usuários de Libras e intimidade com a estrutura da língua de sinais. Faz-se necessário aqui, esclarecer o papel da tradução de uma língua. Conforme Quadros (2004) imprescindivelmente a tradução perpassa pela forma escrita,

(...) poder-se-á ter uma tradução de uma língua de sinais para a língua escrita de uma língua falada, da língua escrita de sinais para a língua falada, da escrita da língua falada para a língua de sinais, da língua de sinais para a escrita da língua falada, da escrita da língua de sinais para a escrita da língua falada e da escrita da língua falada para a escrita da língua de sinais. (QUADROS, 2004, p. 9)

Ainda, segundo Quadros interpretação envolve apenas a língua falada ou sinalizada,

A interpretação sempre envolve as línguas faladas/sinalizadas, ou seja, nas modalidades orais-auditivas e visuais-espaciais. Assim, poder-se-á ter a interpretação da língua de sinais para a língua falada e vice-versa, da língua falada para a língua de sinais. Vale destacar que o termo tradutor é usado de forma mais generalizada e inclui o termo interpretação. (QUADROS, 2004, p. 9)

Quadros (2004) esclarece qual papel deve ser atribuído ao tradutor/intérprete educacional que muitas vezes é confundido com o papel do professor,

(...) o papel do intérprete em sala de aula acaba sendo confundido com o papel do professor. Os alunos dirigem questões diretamente ao intérprete, comentam e travam discussões em relação aos tópicos abordados com o intérprete e não com o professor. O próprio professor delega ao intérprete a responsabilidade de assumir o ensino dos conteúdos desenvolvidos em aula ao intérprete. Muitas vezes, o professor consulta o intérprete a respeito do desenvolvimento do aluno surdo, como sendo ele a pessoa mais indicada a dar um parecer a respeito. O intérprete, por sua vez, se assumir todos os papéis delegados por parte dos professores e alunos, acaba sendo sobrecarregado e, também, acaba por confundir o seu papel dentro do processo educacional, um papel que está sendo constituído. (QUADROS, 2004, p. 60)

Então, temos uma inquietação que necessita de reflexão: apesar da contribuição do tradutor/intérprete na formação social do surdo, seriam as interpretações fidedignas aos conteúdos transmitidos pelo professor na sala de aula?

2. MÉTODO

Situações que envolvem um grupo lexical de uma área de conhecimento específico requerem do TILS conhecimento de mundo tal, que mesmo que não haja sinais adequados para todos os contextos, seja possível transmitir o conteúdo ao aluno surdo sem perda da compreensão através dos recursos linguísticos do próprio profissional. Vejamos os casos a seguir.

SITUAÇÃO 1: Este foi um caso que ocorreu em uma aula de Topografia em que o professor transmitiu a teoria e exigiu dos alunos, posteriormente, uma resposta de acordo com o conteúdo ditado por ele em sala de aula. Conteúdo do tipo: “o que é um teodolito?” ou “o que é uma baliza topográfica?”, para as quais as respostas seriam, respectivamente, Teodolito é o equipamento onde se faz leituras angulares verticais e horizontais com precisão e Baliza topográfica é o bastão utilizado juntamente como uma bolha de nivelamento para a verticalização da mesma, é usada para alinhamentos. O fato é que a TILS já havia cursado anteriormente esta disciplina em um curso de graduação e tinha amplo conhecimento da semântica da língua portuguesa, portanto, não houve perdas para o aluno surdo deste conteúdo na interpretação realizada, percebemos nitidamente que a TILS se envolveu com a ampliação da explicação do conteúdo devido ao seu conhecimento prévio na área.

SITUAÇÃO 2: Durante uma aula de Biologia do curso técnico integrado em Eletrotécnica, na qual o professor da disciplina apesar de mostrar-se interessado em colaborar com a

aprendizagem dos alunos apresentando seu conteúdo sempre através de slides no projetor de multimídias, nesta aula decide passar um documentário sobre Genética. O documentário era produzido em inglês e legendado em português. Durante a apresentação que durou uma hora foi preciso a intérprete traduzir, simultaneamente, a legenda do vídeo. Ao aluno cabia assistir ao documentário e ver a tradução também, de forma simultânea. O aluno surdo não compreendia os termos escritos da legenda, principalmente, por serem termos de uma área complexa da biologia. A TILS concluiu que foi uma experiência em que ficaram evidentes as falhas da compreensão do texto, tanto pela complexidade do conteúdo, como pela transmissão do vídeo legendado. Apesar de a TILS ter uma boa base na disciplina, esta não é sua área específica de conhecimento.

SITUAÇÃO 3: Esta se passa em duas aulas de Língua Portuguesa com dois professores diferentes, sendo uma no curso de Eletrotécnica (2º ano) e outra em Edificações (1º ano). No primeiro caso, a professora distribui cartelas e explica que a aula seria um jogo entre equipes onde os alunos iriam desenvolver suas argumentações em defesa de um dado tema. O tema foi sobre aborto numa situação de gravidez por abuso sexual. O aluno surdo e sua equipe discutiram o tema e elegeram um representante para argumentar com a equipe adversária porque defenderiam o aborto, enquanto que os adversários contra-argumentariam. A TILS deu todas as informações ao aluno surdo e traduziu as opiniões desse aluno para a equipe. Ao final todos escreveram um texto sobre suas opiniões a respeito do tema. Ao término da aula o aluno surdo declara sua satisfação por ter aprendido sobre argumentação, objeto da aula. A TILS por estar em sua área de conhecimento específico ficou bastante à vontade na interpretação do conteúdo visto que o objetivo da aula foi cumprido na íntegra.

O segundo caso se passa com outro professor de Língua Portuguesa, agora, no 1º ano técnico do curso de Edificações no turno oposto. A aula transcorre da seguinte forma: o professor pede aos alunos da sala para lerem um excerto do conteúdo do livro didático sobre duas obras literárias, uma de Aluísio de Azevedo, O Cortiço do Naturalismo Brasileiro e a outra da obra de José de Alencar, Senhora, um Romance Urbano. Em ambas os alunos deveriam identificar as características dos períodos literários. A explicação é dada pela tradutora/intérprete ao aluno. No entanto, o jovem não consegue entender o conteúdo ao tentar lê-lo e, pede ajuda à intérprete. A partir de então, a aula passa a ser entre a TILS e o aluno, pois a mesma lê e traduz os resumos das duas obras por conhecê-las, visto que se tivesse que, simultaneamente, lê e traduzir cada texto não haveria tempo suficiente para o aluno surdo responder no livro didático ao que pedia o professor. Enquanto isso o professor da disciplina assiste aos demais

alunos ouvintes alheio às dificuldades de compreensão por parte do aluno surdo. As respostas às questões do livro sobre as características das obras foram dadas pelo aluno surdo que pôde compreendê-las e diferenciá-las em tempo hábil. Se a tradutora/intérprete não tivesse se envolvido com a tradução do conteúdo, o aluno surdo não teria compreendido e apreendido o conteúdo da aula.

SITUAÇÃO 4: Grandes dificuldades ocorreram durante as interpretações das disciplinas Máquinas Elétricas e Projetos de Instalações Elétricas. Apesar de os professores se mostrarem bastante receptivos, não havia conhecimento específico da TILS nas duas áreas. Alguns sinais foram criados temporariamente no transcorrer das aulas para viabilizar a compreensão e interpretação do conteúdo, à *posteriori*. Outro grave problema para a intérprete nestas disciplinas foi a inexistência de um glossário em Libras que pudesse auxiliá-la. No entanto, quatro meses após esta experiência, uma equipe formada por intérpretes e alunos tanto de cursos superiores como médio integrado ao técnico da mesma instituição de ensino iniciaram a criação de um glossário em Libras para cada disciplina, um ato positivo que contribuirá na compreensão dos conteúdos a serem ministrados aos novos alunos surdos que ingressarem na instituição.

Várias situações enfrentadas pelos alunos surdos e TILS ocorreram ainda nas disciplinas de Física, Matemática, Química, Desenho, Filosofia, e outras. Relatamos estas quatro ou cinco situações apenas por não haver espaço para maiores discussões neste trabalho.

4. DISCUSSÃO

Vimos que não houve empecilhos para a tradução e interpretação das aulas de Português em virtude de ser esta a principal área de conhecimento e saber da TILS, assim como Filosofia, História e Geografia. Contudo, outras disciplinas se mostraram extremamente complexas à tradução e interpretação, deixaram lacunas que coube ao aluno preencher-las ou não. Em algumas disciplinas o próprio professor em horário oposto, se disponibilizou a atender ao aluno surdo ou a instituição contratou um monitor para auxiliá-lo juntamente com um intérprete.

É a soma dos conhecimentos e do uso adequado dos parâmetros da língua de sinais que faz o papel do intérprete ser tão relevante na vida do surdo e durante uma interpretação há, sem dúvida, um acordo tácito e ético entre o intérprete e o surdo.

Como ouvintes conhecemos as especificidades da nossa língua e sua significação através da aquisição natural, pela pragmática vivenciada nos vários contextos sóciointeracionais, pela intimidade com a língua ou pelo conhecimento formal. No entanto, quanto ao aluno surdo no contexto da educação inclusiva vigente sabemos que é através do intérprete que o leque das possibilidades de conhecimento se abre para o mesmo. Evidentemente, não cabendo ao intérprete a função de ensinar e sim, transmitir com eficiência o conteúdo didático do professor, muitas é inevitável o fazer algo mais que interpretar. Nossa tradução e interpretação em Libras muitas vezes contribui para ampliar a visão de mundo e o conhecimento lexical da língua portuguesa para o surdo. Outras vezes, não, é a qualificação do TILS quem determinará isso. O comprometimento ético do profissional TILS deve estar além da vaidade pessoal. É preciso evitar enfrentar traduções e interpretações fora de sua área de conhecimento. O código de ética do profissional TILS no capítulo 1 dos Princípios fundamentais recomenda,

4º. O intérprete deve reconhecer seu próprio nível de competência e ser prudente em aceitar tarefas, procurando assistência de outros intérpretes e/ou profissionais, quando necessário, especialmente em palestras técnicas; (QUADROS, 2004, p. 31).

O educador comprometido com o que faz compreende que o aluno surdo requer apoio especializado, pois se trata de um sujeito com possibilidades diferenciadas, mas capaz de perceber e conhecer o mundo por meio de experiências visuais. Este apoio configura-se na pessoa do tradutor/intérprete de língua de sinais na sala de aula, mas também na solicitude do professor em se permitir conhecer as especificidades da língua de sinais e de seus legítimos usuários; e, nas adaptações curriculares procedimentais para o ensino das diversas disciplinas, pois, para o ensino dos surdos são necessárias técnicas e adaptações curriculares e pedagógicas uma vez que é primordial atender às suas especificidades.

Batista (2010) diz que,

Torna-se fundamental para o aluno surdo a presença de intérprete/tradutor da Língua Brasileira de Sinais em sala de aula, como um profissional que contribui tanto para o seu desenvolvimento escolar como para seu desenvolvimento social. Compreende-se então que a atuação do intérprete também está imbuída da função social que vai além de possibilitar a comunicação entre falantes de línguas diferentes, porque é por intermédio da interpretação que o surdo em muitas situações tem a possibilidade de apossar-se de informações que influenciam diretamente e indiretamente na sua formação social. (BATISTA, IX ENIL, 2010, p. 365).

Dito isto, pelo conhecimento tanto empírico adquirido na vivência com surdos e familiares de surdos, quanto investigativo com professores e intérpretes de língua de sinais podemos

entender que em várias circunstâncias de tradução e interpretação pode haver para o surdo, lacunas na compreensão dos fatos abordados no contexto educacional, provocadas por uma lacuna na exposição dos fatos pelo TILS.

Esperamos que os relatos das experiências aqui expostas possam contribuir para que o Tradutor/Intérprete reflita sobre a qualidade da sua atuação, principalmente, no contexto educacional. E, que os órgãos responsáveis pela inserção desses profissionais nas salas de aula compreendam que não cabe a um único intérprete o conhecimento de todas as disciplinas. Cabe sim, a cada intérprete um pequeno bloco de disciplinas correlatas que devem ser transmitidas segundo sua própria formação acadêmica. Estamos certos da necessidade de programas de capacitação, aperfeiçoamento e conhecimento da Libras, tanto teórico como prático, com iniciativas das instâncias responsáveis pelas políticas públicas no incentivo à formação continuada dos profissionais Tradutores/Intérpretes e professores de surdos.

REFERÊNCIAS

DORZIAT, Ana. (Org.). **Estudos Surdos: diferentes olhares**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

FALCÃO, Luiz Alberico Barbosa. **Aprendendo a Libras e reconhecendo as diferenças: um olhar reflexivo sobre a inclusão: estabelecendo novos diálogos**. – Recife: 2ª ed., Ed. do Autor, 2007.

FERNANDES, Eulália. Org. **Surdez e bilingüismo**. – Porto Alegre: Mediação, 2010.

GESSER, Audrei. **Um olho no professor surdo e outro na caneta: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais**. Campinas, SP : [s.n.], 2006.

LUCENA, Ivone Tavares de. (organização). **IX Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e não Verbal: Linguagens e Cultura. IX ENIL** – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

QUADROS, Ronice M. & KARNOPP, Lodenir B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos** – Porto Alegre : Artmede, 2004.

_____. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SALLES. Heloisa Maria Moreira Lima [et al.]. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2004.